FOLHA D'ACER

Ano I - n.º 1
Fevereiro 2023
Preço: €5:00
ISSN 2975-8548

Boletim informativo da A.C.E.R.-Associação Cultural e de Estudos Regionais
História, Sociedade, Património

ACER

FOLHA D'ACER

Boletim Informativo da ACER - Associação Cultural e de Estudos Regionais
História, Património, Sociedade
acer.geral@acer-pt.org * www.acer-pt.org

2-9.
Percurso Cultural a S. João da Foz do Douro: entre a renascença e o barroco.
Manuel Almeida Carneiro

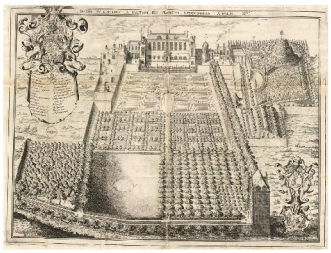
9-13.
O Edifício do Oratório de S. Filipe Néri em Viseu. Algumas notas sobre as suas características arquitectónicas e sobre o seu órgão de tubos.
José Pedro G. Tenreiro

14-22.

A *Devanture* do Edifício Bijou.
Antero Leite

23-24.

O Órgão Ibérico.
Isolino Dias



24-28.

Os Jardins Botânicos no Iluminismo (I).
João Paulo Cabral

28-32.

Júlio Resende e a Ribeira Negra.
Maria Palmira

Ficha Técnica

FOLHA D'ACER
Ano 1 — N.º 1
Fevereiro 2023

Proprietário: ACER — *Associação Cultural e de Estudos Regionais*

Sede do editor:
Rua Martim Moniz, 686 - 3.º direito, 4100-330 PORTO

Redacção:
Rua Nossa Senhora da Silva, 187, 4100-364 PORTO

Impressão:
Copyplus, Rua Dr. Manuel Pereira da Silva, 27, 4200-394 PORTO

Director: João Paulo Cabral

Depósito Legal: 510883/23
Registo na ERC: 127891
ISSN: 2975-8548
NIPC: 505 844 575

Publicação semestral

Preço: 5:00 €

Os textos e imagens são da responsabilidade dos seus autores. Respeita-se a ortografia seguida pelos autores.

Copyright@ACER
Todos os direitos reservados

racterística técnica adquirida durante o séc. XVII. Os registos de palhetas são essenciais num novo género de música: a Batalha. Procuram retratar, com seus efeitos onomatopaicos, os fragores do combate entre o Bem e o Mal, segundo os propósitos doutrinários da Contra-Reforma.

Fig. 2. Órgão da Igreja de Santo António dos Congregados, no Porto. Palhetas «em chamada».

Bibliografia

DIAS, Isolino – *Pesquisas e Estudos*, 2005.

HENRIQUE, Luís – Instrumentos Musicais. Cap. XIV – Aerofones - Órgão. In: *O Órgão Ibérico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 3.ª edição, 1994, pp. 356-357.

NERY, Rui Vieira – Apresentação ao CD *Batalhas e Meios Registos* - Música Ibérica Para Órgão do séc. XVII - órgão: Joaquim Simões da Hora, 1994.

Os Jardins Botânicos no Iluminismo (I)

João Paulo Cabral

Em absoluto o primeiro jardim botânico[1] terá sido fundado por Aristóteles no Liceu, em Atenas. Desconhecemos como seria este jardim, mas a sua direcção estaria confiada a Teofrasto. Átalo III (170-133 a. C.), rei de Pérgamo, e Mitridates-o-Grande (132-63 a. C.), rei do Ponto, criaram grandes jardins para a cultura de plantas medicinais. Carlos Magno (742-814) publica um édito no qual ordenava que se estabelecessem jardins botânicos em todas as cidades do império. Uma lista de 86 plantas que estariam em cultura nestes jardins, com os nomes comuns e científicos foi publicada por SAINT-LEGER (1885, pp. 10-12). Durante a Idade Média, os jardins de plantas medicinais recuaram até aos mosteiros, como o de Monte Cassino, em Itália. Em Salerno, Mattheus Silvaticus (ca.1280-ca.1342) estabeleceu em 1317 um jardim botânico que inspiraria os primeiros do Renascimento italiano (SAINT-LEGER, 1885). Os primeiros jardins botânicos, criados no século XVI, como o de Pisa, estabeleceram-se em conexão com a universidade local (TAVARES, 1956, 1967).

O jardim botânico, criação do Renascimento italiano, reinventa-se no século XVII e depois, novamente, nas Luzes. À prioridade da cultura das plantas medicinais locais, segue-se, num momento inicial, a cultura de plantas medicinais exóticas, de plantas úteis (comestíveis, tintoriais, fibrosas, entre outras) ou meras curiosidades, muitas de outras paragens e continentes, e, depois, numa segunda fase, a cultura da mais ampla diversidade de plantas, cristalizada na *escola de botânica* – um jardim (colecção de plantas) organizado espacialmente por grupos de afinidade (famílias). Estabelecem-se também colecções fitogeográficas, constituídas por grupos de plantas representativas das diferentes regiões florísticas do planeta. Constroem-se estufas para permitir o crescimento de plantas de outros climas (TAVARES, 1956). Estuda-se a variação da cor das flores de plantas com bolbos, e a propagação destas plantas a partir de sementes, a aclimatação de plantas de altitude a condições normais (EGMOND, 2017). O jardim botânico torna-se um autêntico laboratório experimental

(BALDASSARRI, 2017). O ensino que se ministrava nos principais jardins botânicos começa por se focar nas plantas medicinais e na matéria médica vegetal para depois abordar a taxonomia botânica, e o ensino da jardinagem, da horticultura e da arboricultura (TAVARES, 1956, 1967). Os herbários dão lugar a gabinetes de história natural, com colecções dos três reinos da natureza. Criam-se colecções de sementes, de bolbos e de plantas vivas, que se permutam com instituições congéneres (TAVARES, 1956).

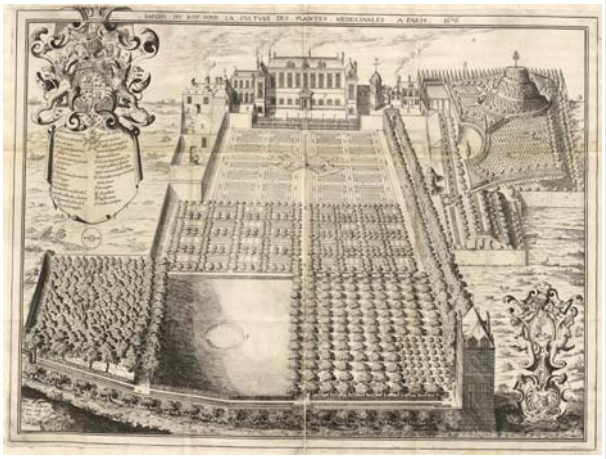


Fig. 1. Os canteiros com plantas medicinais no Jardim do Rei (Jardim das Plantas de Paris) em 1636 segundo GUY DE LA BROSSE (1636).

A passagem do jardim botânico de plantas medicinais a jardim botânico da mais ampla diversidade é bem exemplificada pelo Jardim do Rei (Jardim das Plantas de Paris). Guy de la Brosse (1586-1641), médico de Luís XIII, retomando uma ideia que remontava a Pierre Belon (1517-1564), naturalista francês, e a Jean Riolan (1539-1605), médico francês, obtém do rei, a 6 de Janeiro de 1626, um édito que previa a criação do Jardim Real de Plantas Medicinais, no bairro de São Victor de Paris. A superintendência ficou confiada ao médico da corte, Jean Héroard (1551-1628). Durante a direcção de Jean Héroard cultivam-se no jardim mais de seis centenas de plantas. O ensino da matéria médica estava a cargo de três médicos (GUY DE LA BROSSE, 1636, pp. 18-19). Até 1718 foi, na prática, um horto de plantas medicinais – FIGURA 1. A direcção esteve a cargo dos médicos da corte e o ensino que nele se ministrava destinava-se à formação de médicos e de boticários. No início da descrição do jardim, Guy de la Brosse evoca os jardins botânicos franceses que já se encontravam em funcionamento, em particular o de Montpellier fundado em 1598 (destruído depois em 1624 durante o cerco à cidade, mas reconstruído de seguida).

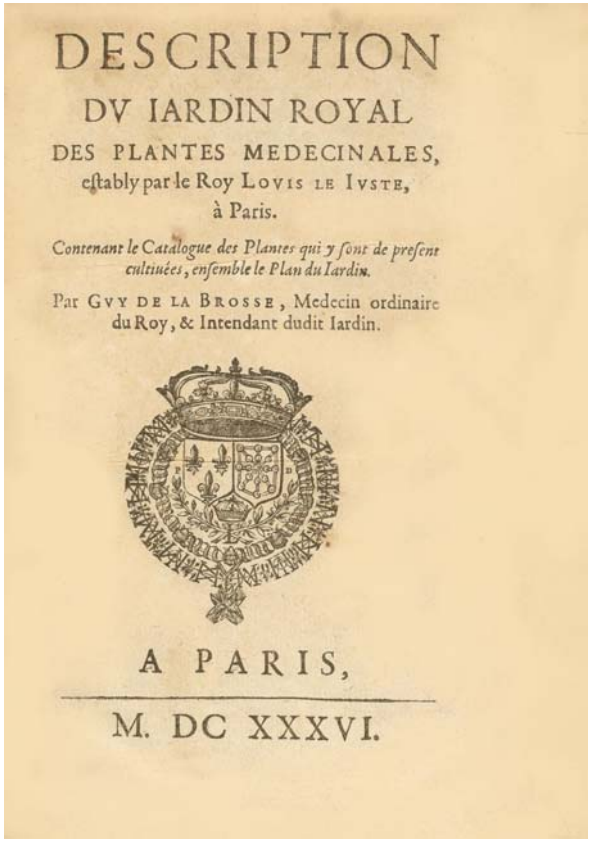
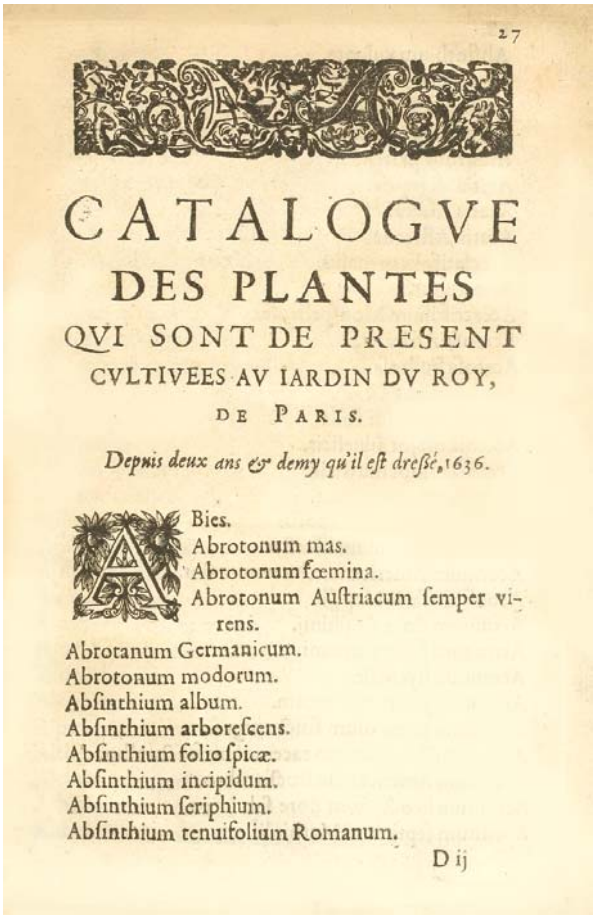

DESCRIPTION
DV IARDIN ROYAL
DES PLANTES MEDECINALES,
eſtably par le Roy LOVIS LE IVSTE,
à Paris.
Contenant le Catalogue des Plantes qui y ſont de preſent cultiuées, enſemble le Plan du Iardin.
Par GVY DE LA BROSSE, Medecin ordinaire du Roy, & Intendant dudit Iardin.
A PARIS,
M. DC XXXVI.

Fig. 2. Folha-de rosto do catálogo das plantas em cultura no Jardim do Rei (Jardim das Plantas de Paris) em 1636 (GUY DE LA BROSSE, 1636).

Guy de la Brosse (1586-1641) publicaria em 1636 uma descrição deste jardim real de plantas medicinais, em obra inteiramente a ele dedicada (GUY DE LA BROSSE, 1636) – FIGURA 2.
O prefácio era dirigido a Claude de Bullion (1569-1640), nomeado superintendente das Finanças de França em 1623 durante o reinado de Luís XIII. O ministro era naturalmente muito elogiado por «ter felizmente concretizado» uma obra desejada por sua Majestade, o Jardim Real de Plantas Medicinais, uma obra de «caridade e de piedade do Rei, de utilidade pública, de necessidade para a Medicina» e «de comodidade para o ensino da matéria médica» (pp. 7-8). «A saúde ultrapassa todos os bens do corpo» e «tudo o que serve à obtê-la não merece menos estima do que tudo o que é de uso comum» (p.

8). «Há dois anos que as plantas de diversos climas vegetam nos seus canteiros, a porta esteve sempre aberta às nações estrangeiras que as vieram visitar e admirar, levando consigo tanta satisfação que a sua curiosidade se acha louvável.» (p. 9). Neste trabalho, Guy de la Brosse descreve com pormenor a organização espacial do jardim, apresentando um desenho do conjunto – FIGURA 1. As plantas estavam distribuídas espacialmente não pelas suas propriedades medicinais mas por analogia morfológica,



27

CATALOGVE
DES PLANTES
QVI SONT DE PRESENT
CVLTIVEES AV IARDIN DV ROY,
DE PARIS.

Depuis deux ans & demy qu'il eſt dreſſé, 1636.

Bies.
Abrotonum mas.
Abrotonum fœmina.
Abrotonum Auſtriacum ſemper virens.
Abrotanum Germanicum.
Abrotonum modorum.
Abſinthium album.
Abſinthium arboreſcens.
Abſinthium folio ſpicæ.
Abſinthium incipidum.
Abſinthium ſeriphium.
Abſinthium tenuifolium Romanum.

D ij

Fig. 3. Primeira página do catálogo das plantas em cultura no Jardim do Rei (Jardim das Plantas de Paris) em 1636 (GUY DE LA BROSSE, 1636).
De notar o uso da nomenclatura polinomial pré-lineana, pela qual as espécies eram designadas por um ou vários nomes latinos, e não unicamente dois, como Lineu estabelecerá pela primeira vez em 1753 (e de forma que se tornará definitiva) com a sua obra *Species Plantarum*. Nesta obra, Lineu indica, para cada espécie, alguns dos polinomes usados na bibliografia, pelo que é possível identificar-mos as plantas mencionadas na bibliografia pré-lineana, com bastante certeza.

pelos géneros, naturalmente no sentido dos tratadistas pré-lineanos (pp. 21-22).

Existiam mais de 250 árvores e arbustos naturais e exóticos (p. 22). No pomar crescia «toda a sorte de árvores fruteiras» (p. 32). As plantas de climas quentes, como a laranjeira, o limoeiro, as murtas (*Myrtus* L.), a acácia-do-Egipto (*Vachellia nilotica* (L.) P.J.H.Hurter & Mabb), as palmeiras, a cana-de-açúcar, estavam em terrenos virados a sul e no Inverno eram protegidas por um tecto em madeira (p. 24). A maior parte do volume é dedicada ao catálogo das plantas que se cultivavam em 1636 – FIGURA 3. Guy de la Brosse usa naturalmente os polinomes dos herbais[2] (*herbals*), mas sem indicar se alguma obra seria especialmente a sua referência principal. O número total de plantas era de cerca 2.400.

Com a morte de Guy-Crescent Fagon (1638-1718) em 1718, o jardim passa a ser designado de Jardim Real das Plantas ou Jardim do Rei (Jardim das Plantas de Paris). O estudo das ciências naturais e das ciências físico-químicas tem um papel cada vez mais importante. A botica do jardim criada em 1635, enriquecida por Fagon, é transformada em 1729 em Gabinete de História Natural. São cultivadas e aclimatadas plantas úteis das colónias francesas. O jardim vende e exporta plantas e sementes. Numa estufa quente construída em 1714, a partir de um pé de cafeeiro trazido da Holanda, obtêm-se muitas plantinhas de cafeeiro, assim como sementes, que são enviadas para a Martinica, para as Antilhas, e outras colónias francesas, a fim de promover esta cultura (LAISSUS, 1986, p. 293).

Apesar da maioria do pessoal adstrito ao jardim continuar a ser de médicos, cirurgiões e boticários, surgem, em finais do século XVIII, naturalistas como o conde de Lacépède (1756-1825), Barthélemy Faujas de Saint-Fond (1741-1819) e Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829). A direcção do jardim já não é necessariamente confiada a um médico. Durante a direcção de Charles-François de Cisternay Du Fay (1698-1739), iniciada em 1732, o Gabinete de História Natural é enriquecido com a incorporação da sua colecção pessoal de pedras preciosas, e são construídas duas novas estufas quentes onde se cultivam muitas plantas tropicais.

A 1 de Agosto de 1739 era nomeado para a direcção do Jardim do Rei, em Paris, o conde de Buffon (Georges-Louis Leclerc (1707-1788)), que durante cinco décadas elevará a instituição ao mais alto nível. São contratados como botânicos Louis Guillaume Le Monnier (1717-1799) e Antoine-Laurent de Jussieu (1747-1836), e como jardineiros-chefe Thouin pai (Jean-André Thouin), e filho, André Thouin (1747-1824). É ensinada botânica, química e anatomia. O jardim mantém a sua extensão de cerca de oito hectares até 1771, mas nos anos seguintes (até 1787) o conde de Buffon promove a aquisição de terrenos e edifícios, duplicando a sua extensão. Em 1787 é iniciada a construção de um novo anfiteatro, com projecto do arquitecto Edme Verniquet (1727-1804), que ficará concluído em 1794 (LAISSUS, 1986, pp. 287-299).

O número de plantas cultivadas no Jardim do Rei, base excepcional para o ensino da botânica que desde a sua fundação era praticado, aumentou muito ao longo da sua evolução. Em 1636 o catálogo de La Brosse continha 1.800 táxones; cinco anos mais tarde, o número de espécies e variedades era de 2.360; em 1665 o catálogo elaborado por Denis Joncquet (1600-1671) e Guy-Crescent Fagon continha mais de 4.000. Por iniciativa de Antoine-Laurent de Jussieu (1748-1836) e André Thouin (1747-1824), o conde de Buffon faz triplicar o número de plantas da *escola de botânica*. Esta é reorganizada de acordo com a nomenclatura lineana e a classificação natural[3] de Bernard de Jussieu (1699-1777). Em 1788, a *escola de botânica* continha mais de 6.000 plantas. Várias espécies cresciam em estufas. Também os herbários foram ampliados com a entrada de grandes colecções como a de J. P. Tournefort, por si oferecida em 1708 e a de Sébastien Vaillant (1669-1722) comprada pelo rei. Existiam também desenhadores e pintores, como Nicolas Robert (em funções em 1666-1685), Jean Joubert (em funções em 1685-1705), Claude Aubriet (em funções em 1705-1735), Magdeleine Françoise Basseporte (em funções em 1741-1780) e Gérard van Spaendonck (em funções em 1780-1793) (LAISSUS, 1986, pp. 309-311).

Nos jardins hortícolas e frutícolas experimenta-se a cultura de novas plantas, umas exóticas, outras autóctones, e tenta-se criar novas variedades por cruzamento ou selecção das conhecidas. A finalidade principal pode continuar a ser utilitária, para fornecer alimentos ou medicamentos, mas a extraordinária diversidade de espécies e variedades que agora são cultivadas transforma estes jardins utilitários em jardins de estudo e experimentação (e também de lazer e recreio), à semelhança do que acontece com os jardins botânicos. Os vários jardins hortícolas e frutícolas do rei de França e da Casa de La Rochefoucauld ilustram bem esta transformação e desenvolvimento operados nos jardins utilitários durante os séculos XVII-XVIII, assunto que trataremos no próximo artigo.

NOTAS

[1] Não consideramos aqui, naturalmente, os jardins de lazer e recreio que já existiam na Babilónia. O jardim botânico foi estabelecido com a primordial finalidade de estudar as plantas, tanto nos seus aspectos botânicos, como nas suas aplicações, da índole mais diversa (SAINT-LEGER, 1885).

[2] Um herbal (*herbal* em inglês) é um livro com a descrição das plantas de maior importância à época, sua morfologia, seus nomes vernáculos, latinos e gregos, e suas propriedades e usos alimentares e medicinais. Em alguns herbais também são incluídas as descrições de minerais e produtos animais. Alguns herbais continham desenhos das plantas e dos animais descritos. Apesar de se conhecerem herbais da civilização egípcia, o primeiro herbal de grande extensão e abrangência foi a obra *De Materia Medica* de Dioscórides, originalmente escrita no século I d. C., que teve um larguíssimo número de edições e traduções a partir do século XVI. A época áurea dos herbais correspondeu aos séculos XVI e XVII.

[3] Bernard de Jussieu dividiu as plantas em cerca 50 Classes naturais, que correspondem às Ordens naturais de Lineu e às Famílias de Michel Adanson (1727-1806). O sistema de classificação de Bernard de Jussieu não servia para identificar as plantas, mas pretendia classificar as espécies seguindo uma ordem «natural», que se aproxima-se, o mais possível, das suas afinidades morfológicas e evolutivas (DAYRAT, 2003, p. 43).

Bibliografia citada

BALDASSARRI, Fabrizio – Gardens as Laboratories. A History of botanical sciences. *Journal of Early Modern Studies*, volume 6(1), (2017), pp. 9-19.

DAYRAT, Benoît – *Les botanistes et la flore de France, três siècles de découvertes*. Paris: Muséum national d'Histoire naturelle, 2003.

GUY DE LA BROSSE – *Description du Jardin Royal des Plantes Medecinales estably par le Roy Louis le Juste à Paris*. A Paris, 1636.

EGMOND, Florike – Experimenting with living nature: documented practices of Sixteenth-Century naturalists and naturalia collectors. *Journal of Early Modern Studies*, volume 6(1), (2017), pp. 21-45.

LAISSUS, Yves – Le Jardin du Roi. In: TATON, René (direcção) – *Enseignement et diffusion des sciences en France au XVIIIe siècle*. Paris: Hermann, 1986, pp. 287-341.

SAINT-LEGER – Histoire des herbiers. Recherches sur les anciens Herbaria. *Annales de la Société Botanique de France*, volume 13 (1885), *Notes et Mémoires*, pp. 1-123, 237-281.

TAVARES, C. N. – O que são e para que servem os jardins botânicos? *Naturalia*, volume 6 (1956), 6 pg.

TAVARES, C. N. – *Jardim Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa*. Guia. Porto: Imprensa Portuguesa, 1967.

Júlio Resende e a Ribeira Negra

Maria Palmira

Para melhor entender, apreciar e valorizar a obra de qualquer artista temos de conhecer a sua biografia, isto é, saber o que fez, por onde andou, o que o moveu ou motivou. A sua biografia ajuda-nos muito.

Júlio Resende foi um humanitarista, filantropo, humanista; era sensível, culto, inteligente e viajado. Sentia as inquietudes humanas e transmitia-as com cor, forma e gestualidade. Pintor de feição expressionista, com muitas e diversas facetas, de transição entre o figurativo e o abstracto.

«… e quando nada mais se tem, sempre se tem um lápis para o nada deixar de o ser …»

Nasceu no Porto, em 1917, na Travessa de Sá Noronha, hoje Rua do Actor João Guedes e deixou-nos em Setembro de 2011 (Valbom/ Gondomar). Era filho de um pequeno comerciante de fazendas e camisaria. A mãe Emília Resende da Silva Dias (cito o nome da mãe, pois é ao nome da mãe que ele vai buscar Resende de origem galega, com que se internacionalizou), era professora no Conservatório e dava lições particulares, o que enchia a casa de música de Liszt, Chopin, Debussy e outros. Cresceu, portanto, já num ambiente artístico. Assim, não admira que o seu irmão, mais velho um ano, viesse a ser o maestro Resende Dias, ao som de cujo conjunto dancei muitas vezes, em chás dançantes, comuns no Porto nos anos 50 do século 20.

Como numa típica família portuense, os avós vinham almoçar ao domingo e Resende recorda o aroma do charuto do avô. Vemo-lo em fotografias com o pincel na mão direita e o inseparável charuto ao canto da boca.

Aos sete anos teve um acidente de que resultou a amputação de 3 falangetas da mão esquerda. Pinta com a mão direita, segurando a paleta na esquerda, tornando imperceptível a deficiência.

Juntamente com os filhos de amigos criou um jornal copiografado, que era distribuído aos vizinhos e amigos da casa. Participou no Rádio